

SÉRGIO AUGUSTO

saugusto@estado.com.br



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUMARÊS

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUS FERNANDES
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGORÍCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUUM

SÁBADO
LAURA GREENHALGH
MARCÉLO RUBENS
PANA
SÉRGIO AUGUSTO

DOMINGO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
MURBERTO WERNECK
FABIO PORCHAT

Do Glória à glória

Conforme ia dizendo na coluna passada, em novembro de 1965, pelo protesto que fizera diante do hotel Glória na abertura de uma conferência da OEA no Rio, oito pesos pesados da intelectualidade brasileira foram levados para o quartel do 1.º Exército no Barão de Mesquita, o mesmo onde, seis anos depois, Rubens Faria seria torturado até a morte. Os "oito do Glória", como ficaram conhecidos, ou "octeto do Glória", como Glauber Rocha, um dos oito, ou apelidado, não sofreram maus-tratos. Embora incomunicáveis, podiam receber mimos dos familiares. Marie, mulher do jornalista Marcio Moreira Alves, jamais deixou faltar um queijinho francês na dieta prisional do marido.

Um manifesto pela libertação do grupo correu as redações, ensejando a imediata inclusão dos signatários nos prontuários do Dops. Foi minha estreia na categoria "subversivo", pecha de que só tomara conhecimento sete anos e dois outros "delitos" depois. Reforçado por adesões estrangeiras, o manifesto abreviou o séjour carcerário do octeto, que, a despeito de sua curta duração, resultaria na clausura mais produtiva de nossa história cultural desde o confinamento de Graciliano Ramos no presídio da Ilha Grande, ma-

téria-prima de *Memórias do Cárcere*. No cativeiro da Barão de Mesquita nasceram outros tomaram forma, simultaneamente, três das obras mais expressivas dos primeiros anos da ditadura. Dividindo a mesma cela com Carlos Heitor Cony e Glauber Rocha, Callado tocou os últimos capítulos do romance *Quarup*. Cony escreveu os primeiros de *Pessach: A Travessia*; e Glauber adiantou os diálogos de *Terra em Transe*. Aquele cela merecia ser tombada pelo patrimônio histórico.

No romance de Cony e no filme de Glauber, o (anti)herói se chama Paulo: Simões no primeiro, Martins no segundo, ambos jornalistas em crise existencial, arrastados para uma aventura revolucionária tão incoerente quanto a que leva o ex-padre Nando de *Quarup* a trocar seu nome para Levidio e virar guerrilheiro (ou "cangaço"), como Callado preferiu defini-lo. A notoriedade de Paulo Francis e a forte amizade que o unia a Callado e Glauber não nos autorizam a considerá-lo uma nova inspiração para qualquer um dos dois Paulos.

Paulo Simões é um alter ego idealizado de Cony, que com o personagem compartilha até a data de nascimento, 14 de março de 1926. Essa é a primeira pista. A última é o prefácio escrito por Paulo para uma tradução de *A Vida dos Doze Césarés*. Cony também prefaciou Suetônio. O único jor-

nalista oficialmente reconhecido como modelo para o torturado Paulo Martins, o Hamlet gauche de *Terra em Transe*, é jornalista Jânio de Freitas, que se envolveu mais do que Francis no combate à ditadura militar; não a ponto de se ligar de corpo e alma à luta armada, é verdade, mas nem ele nem Glauber me explicaram o quanto Paulo Martins e Jânio tinham em comum. Há tempos alguém tentou enfiar nessa fechadura outra chave: o poeta e jornalista Mário Faustino. E de Faustino o longo e agônico poema que abre, fecha e dá senti-

No Rio, cela que abrigou Cony, Glauber e Callado merecia ser tombada

do a *Terra em Transe*, mas ele morreu dois anos antes do golpe militar. Como qualquer sacerdote que se deixe seduzir por uma mulher, o defróquede *Quarup* nos remete de estalo ao padre Amaro queirosiano. Sua Amélia chama-se Francisca e por ela, ao contrário do padre Amaro, Nando abandona a batina. Despedindo-se também de outros preconceitos e temores, entrega-se conscientemente ao evangelho da mudança social e política. Franklin de Oliveira o considerava uma hipótese do autor ("ou a soma dos melhores homens" de sua ge-

ração), com o que talvez concordem todos os que privaram daquele ser humano exemplar que foi Callado.

Quarup foi sua obra mais ambiciosa, uma summa do Brasil latifundiário, "um painel do trogloditismo nacional", ainda nas palavras de Franklin de Oliveira, o primeiro, aliás, a colocá-la no mesmo patamar de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, e não apenas por ambas possuírem uma estrutura musical. Callado omitiu o interregno carcerário, no rodapé do último capítulo: "Rio, Petrópolis, Fazenda de Santa Luísa (Março de 1965-Setembro de 1966)". Orgulhava-se de ter sido preso pela ditadura, mas não admitia cumplice de seu processo criativo.

Por sua ostensiva crítica a setores radicais da esquerda e ao Partido Comunista, terreno minado prudentemente evitado por Callado, o romance de Cony atraiu inimigos dentro e fora de sua própria editora, Civilização Brasileira, mas não, diga-se, do dono da casa, Enio Silveira. Para o pessoal do Partido, com forte presença na editora, não era hora de se questionar a pureza ideológica e a lisura estratégica dos que lutavam contra a ditadura. *Pessach* trouxe para a ficção um questionamento que já de algum tempo atormentava não só Cony mas outros intelectuais da chamada esquerda independente.

Enfronhado nos bastidores da Civilização, Francis (pensava ter sido Otton Maria Carpeaux) alertou Cony: "Cuidado que este livro vai te sepultar". Não sepultou, mas o caixão chegou a ser encomendado. Lançado sem o alarde esperado, em 1967, tra-

zia uma orelha não de todo favorável de Leandro Konder, misteriosamente substituída, na década seguinte, por outra, encomiástica e assinada por Francis.

Terra em Transe enfrentou inimigos mais explícitos, a Censura o principal deles. As esquerdas se dividiram. Uns gostaram, outros acharam-nos confusos e alegóricos demais para entendimento das massas. Chegou ao Festival de Cannes contrabandeado na bagagem do ator José Lewgoy e lá foi mais bem recebido do que aqui.

Tão logo liberado pela Censura, com Glauber (outro nascido em 14 de março) já na Europa, *Terra em Transe* motivou um concorridíssimo debate no Museu da Imagem e do Som do Rio, por mim moderado a pedido de Ricardo Cravo Albin, que então dirigia o MIS. Na mesa, Alex Vianny, Luiz Carlos Barreto, Mauricio Gomes Leite, Alberto Salva, Ronald Monteiro e Fernando Gabeira (que não gostara do filme), e o moderador que vos fala, que gostara mas não podia expor sua opinião. Na primeira fila do minúsculo auditório, o carnavalês Clóvis Bornay, figurante do filme, que ao apagar das luzes pediu a palavra e confessou: "Eu também não entendi nada", provocando risos no resto da plateia.

Foi graças a esse debate, malvisto pelas autoridades, que ganhei minha segunda ficha no Dops. Prometo não falar da terceira no próxima coluna.

Literatura Ensaio

Intuitivo e intelectual, Paz pensa a América Latina

Autor transforma história mexicana em uma expressão mais universal para falar do fenômeno da modernidade

Damião Torres Fierro
ESPECIAL PARA O ESTADO

Por que *O Labirinto da Solidão* (1950), de Octavio Paz, que é agora resgatado para o Brasil em sua versão mais completa e canônica, reunindo textos que não figuravam nas edições anteriores publicadas pela Paz e Terra, ainda sustenta o sopro de sua ressonância? Porque, apesar de se situar numa época em que aparecem várias análises que indagam sobre as peculiaridades latino-americanas, concentrando-se no rastreamento dos traços que configuram uma mentalidade, o livro evita as retóricas emocionais e acusatórias.

Neste sentido, *O Labirinto da Solidão* estabelece uma espécie de correspondência argumentativa com a *Visão do Paraíso* (1959) de Sérgio Buarque de Holanda, e se situa em uma ambição inter-

pretativa similar à de *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, além de compartilhar uma mesma busca do sentimento e da mentalidade nacionais com *Radiografia de la Pampa* (1933), do argentino Ezequiel Martínez Estrada. A cartografia ibero-americana que Paz traçou foi sempre uma totalidade.

Cabe assinalar que na inquisição sobre o mexicano não se encontram uma idealização reverentada identidade ou uma reprimenda que condena determinados comportamentos, instituições ou crenças nacionais. Para Paz, "não se trata de

fundar paraísos, mas de dar respostas à realidade dos problemas. A América Latina é um continente de retóricos e violentos — duas formas da soberbia de moídos de ignorar a realidade".

Ocorre que o discurso de *O Labirinto da Solidão* está mais dramaticamente carregado que, por

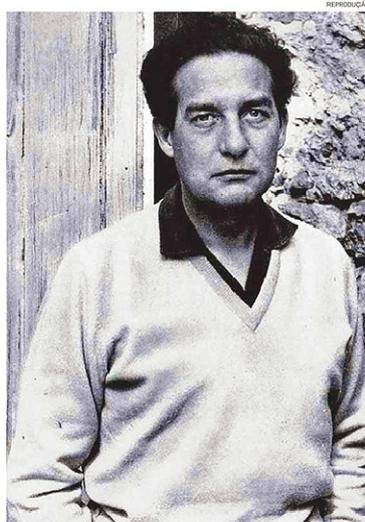
exemplo, o dos historiadores brasileiros, e sua denúncia da superposição das máscaras dos disfarces faz com que suas considerações obedçam a um enraizamento muito peculiar que não impede, mas adota, um alento latino-americano que prende os leitores não nacionais como se se tratasse de um ar de família.

Vale acrescentar que nem um nihilismo autoconplacente, nem uma "teoria da culpa" contaminam as reflexões. Paz sabe que seu trabalho, embora ancorado em algumas ideias e observações gerais, precisa sondar no único, no singular, naquelas raridades que a seu gosto e capricho desenharam um caráter e desenharam uma excentricidades; costumes, hábitos e reações a certas circunstâncias apareçam o desenvolvimento de uma narração que, a partir de uma escrita aberta e plural, mescla à vontade os gêneros literários.

O Labirinto confirma que o ensaio — com suas oscilações entre a prosa e a poesia, a interação e a reflexão — é a grande mar-

que faz ao longo do livro. Paz, de um modo que refina a intuição do poeta com a agudeza do intelectual que, em seu gênio pessoal, sempre acreditou na ideia de que a história se converte em história moral e poética, reagia contra a apropriação dogmática dos fatos da história transformada em credo nacional como contra a ofensa de que as palavras sejam submetidas à corrupção de seus significados. Como reagiu? Não só atacando com furor os males consuetudinários de uma psicologia pátria, mas desoficializando o passado remoto e o presente próximo. A contrautopia funciona, pois, em seu caso, como uma tentativa de situar o país e sua gente num aqui e agora concretos, rotundos, reais e não míticos; e, também, uma forma de desatar o enigma do "eu" individual, exclusivo, e desdenhar um "nós" fantasmagórico, representante vago de uma "vontade coletiva".

O Labirinto da Solidão desdobra suas virtudes no amparo proveitoso de dois planos que con-



Virtuoso. Poeta fere a consciência adormecida do mundo

fluem: o mexicano como uma expressão mais do universal. O fenômeno tão absolutamente chave da revolução da modernidade, seja em sua vertente histórica, ideológica ou artística, implica pa-

ra Paz um triplo sopro histórico que fere a consciência adormecida do mundo e se manifesta nas asas de uma unilateralidade inexorável. / **TRADUÇÃO DE CELSO PADICION**

Babel | Antonio Gonçalves Filho e Ubiratan Brasil

REFLEXÕES David Byrne desvenda os mistérios da criação musical

Depois de lançar *Diários de Birelietta*, livro que trouxe o ex-Talking Heads David Byrne à Flórida de 2011, a editora Arnelaris promete lançar, a partir do dia 14, a obra *Como Funciona a Música*. Agora, o músico/escritor trata de um assunto que domina como um povo: a criação. Aproveitando-se de sua experiência pessoal ao lado do Talking Heads, de Brian Eno e de vários outros parceiros criativos, o escocês demonstra que a criação musical não é algo exclusivo de compositor solitários trançados em um estú-

dio, mas sim o resultado de uma série de circunstâncias naturais e sociais.

Como faz em sua música, Byrne utiliza como matéria-prima todo tipo de experiência, como suas viagens por casas de ópera, vilarejos africanos, favelas brasileiras e basicamente qualquer outro lugar onde se faça música. Seu texto apresenta aspectos históricos, técnicos, culturais e mercadológicos. Para o jornal *Los Angeles Times*, "Byrne é hoje um intelectual público".



ROBERT CAPLANTY

FRANKFURT Agora, eu vou

Depois de criar uma grande polémica na Feira de Frankfurt do ano passado, ao criticar a escolha dos escritores brasileiros presentes ao evento, de um lado, não comparecer. Paulo Coelho disse ao Estado que irá na edição deste ano.

PRÊMIO Curadora no Jabuti

Desde 1991 no conselho curador do Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, José Luiz Goldfarb cede lugar para a escritora Marisa Lajolo na 56ª edição do prêmio, que será entregue em 18 de novembro. Ele terá esta ano uma nova categoria: tradução de obra de ficção do inglês.

CLÁSSICO Sade, raro e caro

O manuscrito de Os 120 *Dias de Sodoma*, do Marquês de Sade, há décadas em disputas legais sobre seu legítimo proprietário, voltará a ser exposto na França em setembro, durante as comemorações do bicentário de morte do autor. Considere um dos mais escandalosos livros do século 18, seu manuscrito foi comprado por US\$ 9 milhões pelo empresário Gérard Lhérier, da Astrophil, especializada em edições raras. A Biblioteca Nacional da França, que lutou para ter o manuscrito, perdeu a batalha.

MEMÓRIA Ishiguro de volta

Ausente do mercado editorial inglês há nove anos, desde que lançou *Não me Abandone Jamais*, Kazuo Ishiguro voltou às livrarias da Inglaterra com *The Buried Giant* (O Gigante Enterrado), publicado pela Faber & Faber. O livro, sétimo romance do escritor, fala de amor, vingança e guerra, comparando memória individual e memória coletiva. Editora do premiado escritor no Brasil, a Companhia das Letras já comprou os direitos do livro, cuja tradução deverá ser lançada no Brasil no primeiro semestre de 2015.

GUERRA FRIA Para exportação

O cientista político Moniz Bandeira assinou um contrato com as editoras Springer, da Alemanha, e a Corregidor, da Argentina, para a publicação de *Segunda Guerra Fria*. No livro, o professor analisa a estratégia dos EUA para dominar os países do bloco socialista após a dissolução da União Soviética.

DIDÁTICO Estreia da Cortez

O primeiro livro didático da Cortez Editora, *Filosofia no Ensino Médio*, de Antonio Joaquim Severino, sai agora, tentando repetir o êxito de *Metodologia do Trabalho Científico*, best seller com 500 mil livros vendidos.

blogs.estadao.com.br/babel